

TENDÊNCIAS

Economia
Brasil

Ano de pouco crescimento, inflação baixa e juros altos

Rio — A economia brasileira vai crescer cerca de 1% e a inflação medida pelo Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI) ficará em torno de 5% neste ano. As previsões são do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas e serão divulgadas na revista Conjuntura Econômica de janeiro. Segundo o presidente do Ibre, Antônio Salazar Brandão, na pior das hipóteses o Produto Interno Bruto (PIB) — a soma de todos os bens e serviços produzidos no país num ano — pode ter um crescimento de 0,5% e, na melhor das hipóteses, de 1,5%.

Na avaliação de Salazar e do redator-chefe da Conjuntura, Lauro Vieira de Faria, o que puxará a inflação, que foi de 7,8% no ano passado, para baixo são os produtos que não sofrem com a concorrência dos importados, principalmente os serviços. Os economistas dizem que os serviços estão se acomodando à nova realidade, depois do grande encarecimento registrado logo após a im-

plantação do real em julho de 1994. Enquanto isso, os produtos que concorrem com os importados farão pressão para cima, porque a tendência de aceleração da desvalorização do real, ou seja encarecimento do dólar, deve se acenar ao longo de 1998. O dólar deverá se tornar 4,1% mais caro para os brasileiros, segundo as projeções do Ibre.

De qualquer forma, com a economia desaquecida, notadamente no primeiro trimestre, não haverá clima para uma alta da inflação. As previsões do Ibre são de que a taxa de desemprego em relação à População Economicamente Ativa — pessoas com condições de trabalhar — apurado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) crescerá de 5,8% no ano passado para 7% neste ano.

Para isso, naturalmente deverá colaborar o comportamento das taxas de juros, que permanecerão como a mais importante variável de ajuste da economia à redução da liquidez internacional. Como já anunciado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o fluxo líquido de capitais externos caiu de US\$ 260 bilhões em 1996 para US\$ 180 milhões em 1997 e deverá diminuir ainda mais em 1998. Em termos

anuais, descontada a inflação esperada pelo Ibre, de 5%, a taxa real média de juros (bruta) será de 22,9%, o que representará um acréscimo de 38,8% em relação à média de 1997 (16,5%).

“As perspectivas em relação ao custo do dinheiro no Brasil não são boas e devem inibir o consumo, principalmente de bens duráveis”, afirma Faria. Apesar disso, nem ele e nem o diretor do Ibre acreditam que vá ocorrer uma recessão no país. Os economistas lembraram que 1998 é ano eleitoral e também de Copa do Mundo. “Nos anos de Copa, sempre há crescimento econômico”, diz Lauro Faria, que não precisou a razão pela qual isso ocorre.

REAÇÃO

Para os dois, no segundo semes-

tre a economia iniciará a sua recuperação. “Há um potencial recessivo este ano, mas ele não deverá se realizar”, afirmou. Ainda conforme as previsões do Ibre, a taxa de câmbio deverá ter uma queda real de 4,1%, o que

servirá de desestímulo às importações que, assim, crescerão somente 5%. Para Lauro Faria, não se deve temer uma inundação de produtos asiáticos no Brasil, em consequência do barateamento das exportações daquela região decorrente da desvalorização de suas moedas e de um superesforço exportador. Ele lembrou que somente 15% das importações brasileiras vêm da Ásia. Além disso, com o desaquecimento da economia brasileira a demanda por eletroeletrônicos não será tão grande.

Quanto às exportações, somente devem aumentar 4% em relação a 1997, ano em que a expansão foi de 11%. Salazar e Faria destacam que 73% do percentual de aumento do ano passado deveu-se às exportações de apenas três produtos: café e soja (por causa de aumento de preços no mercado internacional) e automóveis. O bom desempenho dos preços desses produtos verificada em 1997 não deverá se repetir em 1998. Com tais resultados para as importações e as exportações, nas projeções do Ibre o ano deverá terminar com a balança comercial registrando um déficit (importações maiores que as exportações) de US\$ 3,6 bilhões, inferior ao do ano passado (US\$ 8,6 bilhões).

PREVISÕES

PIB	1%
Inflação	5%
Desemprego	7%
Juros básicos ao ano	22,9%
Déficit da comercial	US\$ 3,6 bilhões
Desvalorização do real	4,1%
Fonte: FGV	